

MOÇAMBIQUE

Problemas graves

QUANDO algum dos nossos trabalhadores vem até ao escritório, após o gesto sagrado da saudação sem o qual não começa a falar, é porque traz «uma problema»: Um familiar que morreu, às vezes em Gaza, ou um parente que veio de visita e precisa de dispensa de trabalho.

Problemas de saúde, próprios ou da família, nunca são preocupação. Para esses, estamos à frente, recorrendo, se necessário, às consultas no Hospital Central. O pior que pode acontecer é vir a família de longe e levar para o curandeiro. Quando assim, não tarda a chegar a notícia de que morreu. Aí a tristeza é grande porque ficam os filhos órfãos. Tem razão de ser esse procedimento. Vivemos o mesmo drama. Andamos desde o ano passado com operações marcadas a adenoides e garganta para alguns rapazes e todas as semanas há um imprevisto. Todos os imprevistos desaparecem, porém, se vamos a consulta especial, onde até podemos escolher o médico, na hora.

Há problemas graves na população. A fome, a desnutrição dos bebés, a tuberculose, a sida aparentemente não matam, mas estão minando profundamente a vida de muitas famílias.

As nossas Creches, inicialmente pensadas para atender os bebés e as mães e já de si verdadeiros Centros de apoio à vida das populações a partir dos Postos de Saúde, estão a alongar a sua acção até ao seio das famílias. Mensalmente, há uma semana de formação para líderes comunitários. Para já são apenas trinta, porque há que pagar a deslocação a todos. Para tratar as suas casas com desinfetante, quando houve surto de cólera, já foi bom ter aparecido um homem disposto a fazê-lo, pagando, claro. Esse é um assunto que nem se discute, quem nesta terra está ou vem a crédito da sua Fé?!

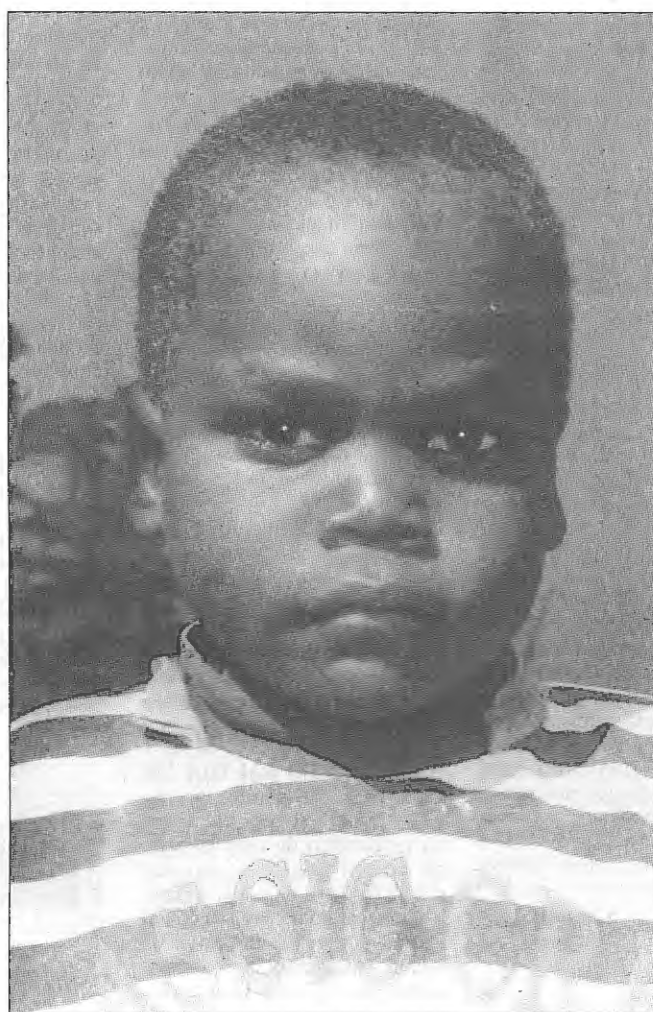
O problema mais em foco na Comunicação Social, é, presentemente, o da sida. Já temos duas pessoas da Comunidade no Programa Nacional *Vida Positiva*, a preparar-se para formadores de acompanhantes e conselheiros das famílias. Entretanto, vamos fazendo, com o remédio da caridade cristã, tanto quanto é pos-

sível. E tem sido com extremo carinho e dedicação que os casais estão a fazer as visitas.

Pelos dados colhidos *in extremis*, sabe-se que alastra assustadoramente, sobretudo pelos caminhos de fronteiras. Só agora começam as autoridades sanitárias a preocupar-se com a necessidade de um rastreio aos seropositivos, para posterior desenvolvimento e aconselhamento, caso a caso. Mas acompanhamento com retrovirais, que se sabem já à venda nas farmácias, é impossível. E enquanto os reclames aos preservativos têm sido uma festa para a juventude que está a afundar-se na imoralidade mais despidorada.

Sofremos com o povo pobre é ignorante. Na Massaca há muito que morrem adultos e crianças. Temos em nossa Casa quase trinta órfãos que periodicamente são testados. Mas chegam-nos notícias da Aldeia Vinte e Cinco de Junho: São cinquenta e uma crianças sem pais. Na nossa Aldeia há um pai com vinte crianças, de cinco mulheres. Ele já está muito mal. Uma pesquisa num bairro da cidade encontrou trezentas crianças, sem pais, a viver em casas de vizinhos sem possibilidades de os mandarem à Escola.

Continua na página 4



Um «Batatinha» da Casa do Gaiato de Benguela

BENGUELA

Caminho duro e doloroso

O caminho do Povo de Angola é duro e doloroso. Passou pela guerra devastadora de bens e pessoas. Em muitos lugares há somente ruínas. Agora, para além das desgraças já conhecidas, vem à luz do dia a miséria escondida na mata. São quadros para sacudir os corações mais insensíveis. Dia após dia, o *écran* da televisão põe, diante dos olhos, as cenas desumanas dos que chegam. Que podemos fazer?!

As crianças, as mães e os velhinhos (são tão poucos!) são as vítimas que mais sofrem. Quando olho para os filhos que estão em nossa Casa e para os filhos que são o vosso enlevo, apetece-me chorar de alegria e de dor. A Obra da Rua é de todos, para todos e por todos. Porém, a nossa face mais directamente iluminada mostra-nos para os mais pobres. Somos, também, para os ricos e remediados a fim de lhes lembrar que a sua abundância não lhes pertence em absoluto, mas torna-os responsáveis

perante a Justiça que hão-de fazer. Somos testemunhas da mensagem que anunciamos. Vivemo-la no dia-a-dia da nossa vida. Ai de nós, se assim não fosse! Ai daqueles a quem damos as mãos, se não forem as vossas mãos! Não chegamos para todos.

Por duas vezes fomos solicitados pelas entidades oficiais por causa de lugares vazios, em nossa Casa, para mais crianças. Compreendo as aflições dos responsáveis, perante a multidão de filhos sem família. Andam à volta de cinquenta mil as crianças a necessitar de apoio. Compreendo a aflição, mas vamos só até onde podemos ir. Não queremos nem podemos ser armazém de crianças. Havemos de dar-lhes as condições necessárias para crescerem e entrarem na sociedade como cidadãos destinados a ajudar o seu País.

O lugar ideal para o nascimento, desenvolvimento e maturação da

Continua na página 4

Praticando o Bem

CAIU-ME debaixo dos olhos o texto sagrado do livro do Génesis onde se conta que toda a Terra tinha uma só língua e usava as mesmas palavras.

«Aí está um povo unido», exclamava estupefacto o Autor interpretando os sentimentos de Deus!

A citação apareceu-me na vigília do Pentecostes como surpresa virginal.

Linguagem que unia os homens e os tornava prósperos era a do Espírito de Deus. Essa Luz e essa Força

que rescende de todos os discursos, factos e atitudes de Jesus já iluminava os corações, o ideal e os projectos de todos os membros daquela gente.

Não havia marginais, nem prisões, nem guerras.

Desconheciam-se os roubos, os assassinatos, os adultérios e toda a espécie de corrupção.

Reinava a harmonia!...

Uma ocasião desprevenida, subtil, introduziu no seio deles uma ambição: — «Criemos fama. Vamos

edificar para nós uma cidade e uma torre cujo cimo atinja os céus».

Entrou assim a confusão das línguas e com este veneno, contrário ao Espírito, os homens deixaram de se entender.

Cada um «puxa a brasa à sua sardinha», esperando ser sempre maior do que o outro.

Com os povos e as nações a desinteligência empolou-se e apesar de todos os fracassos e derrotas da humanidade a lição da história

continua sem conclusão devida.

É o Espírito de Deus, o qual é sempre um Espírito de Verdade, o condutor da Obra da Rua na busca incessante dos que são as vítimas finais de inúmeros e intrincados processos de desarticulação humana. A Obra não faz este trabalho de qualquer modo, nem à maneira do mundo, usando somente as técnicas, sem as desprezar, mas também utilizando outras que escapam à inteligência dos homens e à sua capacidade, numa busca constante e persistente do Espírito de Deus

Continua na página 3

Festas Tojal

02 de Junho — Domingo, 15.30 h, Cine-Teatro de TOMAR.

09 de Junho — Domingo, 15.30 h, Cine-Teatro de CASTELO BRANCO.

16 de Junho — Domingo, 15.30 h, Salão da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, FORTE DA CASA.

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

VOZ DO PAPA — «O homem não é dono da vida — deve respeitá-la: Vale a pena reafirmar aqui que, nem tudo aquilo que for tecnicamente possível, é lícito moralmente. Se é louvável o esforço da ciência por garantir uma qualidade de vida mais em consonância com a dignidade do homem, jamais deve ser esquecido que a vida humana é um dom e que esta permanece um valor, mesmo quando é atingida pelo sofrimento e a velhice. Um dom que deve ser sempre acolhido e amado: gratuitamente recebido e gratuitamente colocado ao serviço dos demais.

A Quaresma, ao propor-nos novamente o exemplo de Cristo que se imolou por nós no Calvário, ajuda-nos de maneira singular a compreender que a vida é redimida n'Ele. Através do Espírito Santo, Ele renova a nossa vida e torna-nos participantes daquela mesma vida divina que nos introduz na intimidade de Deus e nos faz experimentar o Seu amor por nós. Trata-se de um dom sublime, que o cristão deve proclamar com alegria. São João escreveu no seu Evangelho: «A vida eterna consiste nisto: Que te conheçam a Ti, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste» (Jo 17, 3). Esta vida, que nos foi comunicada pelo Baptismo, deve ser continuamente alimentada por nós, como uma fiel resposta individual e comunitária, pela oração, a celebração dos Sacramentos e o testemunho evangélico.

Tendo, com efeito, recebido a vida gratuitamente, devemos, por nossa vez, doá-la de modo gratuito aos irmãos. É o que Jesus pede aos discípulos, ao enviá-los como suas testemunhas pelo mundo: «Recebestes de graça, dai de graça». O primeiro dom a oferecer é uma vida santa, testemunha do dom gratuito de Deus. Que o itinerário quaresmal seja para todos os crentes, uma existência fundada na 'gratuidade', dedicando-nos sem reservas a Deus e ao próximo.

Atenção aos mais necessitados — testemunho da Igreja: «Que tens tu — admoesta São Paulo — que não hajas recebido?» (1 Cor 4, 7). Amar os irmãos, dedicar-se a eles é uma exigência que brota desta convicção. Quanto mais necessidade têm eles, tanto mais se impõe ao crente a missão de os servir. Por acaso não permite Deus que haja condições de penúria para que, acudindo nós aos outros, aprendamos a libertar-nos do nosso egoísmo e a viver com autêntico amor evangélico? É claro o mandamento de Jesus: «Se amais os que vos amam, que recompensa haveis de ter? Não o fazem já os publicanos?» (Mt 5, 46). O mundo avalia as relações com os outros a partir do interesse e do proveito próprio, segundo uma visão egocêntrica da existência na qual, com frequência, não cabem os pobres e os débeis. Toda a pessoa, até a menos dotada, deve, pelo contrário, ser acolhida e amada por si

mesma, prescindindo dos seus méritos e defeitos. Antes, quanto mais se acha em dificuldade, tanto mais deve ser objecto do nosso amor concreto. É este amor que a Igreja testemunha, através de numerosas instituições, cuidando dos doentes, marginalizados, pobres e explorados. Deste modo, os cristãos tornam-se apóstolos de esperança e construtores da civilização do amor. É bem significativo que Jesus tenha pronunciado estas palavras: «Recebestes de graça, dai de graça», precisamente ao enviar os Apóstolos a propagar o Evangelho da salvação, primeiro e principal dom por Ele oferecido à humanidade. Ele quer que o Seu Reino, já próximo (cf. Mt 19, 5ss.), se difunda através de gestos de amor gratuito dos seus discípulos. Assim fizeram os Apóstolos na aurora do cristianismo, e aqueles que os encontraram sentiram que eram portadores de uma mensagem maior do que eles mesmos. Como então, também hoje o bem realizado pelos crentes torna-se um sinal e, frequentemente, um convite a crer. Mesmo quando o cristão acode às necessidades do próximo, como no caso do bom samaritano, a sua ajuda nunca é meramente material. Sempre é também anúncio do Reino, que comunica o sentido pleno da vida, da esperança, do amor.

Agradecimento aos que prestam o serviço da caridade: Caríssimos Irmãos e Irmãs! Possa o estilo com que nos preparamos para viver este: a generosidade real pelos irmãos mais pobres! Dando-nos de coração, tornando-nos sempre mais cientes de que a nossa doação aos outros é resposta aos numerosos dons que o Senhor continua a conceder-nos. Gratuitamente recebemos, demos gratuitamente!

Haverá período mais oportuno para dar este testemunho de gratuidade que o mundo tanto necessita? No mesmo amor que Deus nos tem se encerra o apelo para nos darmos gratuitamente aos outros. Agradeço a todos quantos — leigos, religiosos, sacerdotes — prestam nos quatro cantos do mundo este testemunho de caridade. Possa fazer o mesmo cada cristão, nas diversas situações em que se encontre. Que Maria, Virgem e Mãe do Belo Amor e da Esperança, seja guia e apoio neste itinerário quaresmal. A todos incluo com afecto na minha oração, enquanto de bom grado concedo a cada um, especialmente àqueles que diariamente labutam nas numerosas fronteiras da caridade, uma especial Bênção Apostólica.»

PARTILHA — Lisboa: 470 euros da assinante 31104. «Perdoem o meu atraso que não foi esquecimento, mas saúde precária. Por alma dos meus entes queridos ofereço a minha dádiva.»

Tiragem média d'O GAIATO,
por edição,
no mês de Maio,
62.900 exemplares.

RETALHOS DE VIDA

Patrick

Eu sou o Maurio Patrick Oliveira Mota. Nasci a 9 de Julho de 1989, em Angola.

Na Escola, ando no 3.º ano. Quando crescer tenho que estudar muito para ser alguém.

Gosto muito da Casa do Gaiato porque nela tenho muitos amigos.

Eu trabalho na «lenha» e sou chefe.



Maurio Mota

O casal-assinante 55037 presente com 105 euros.

Cheque de 200 euros, «pequena oferta da assinante 57002 referente aos meses de Abril e Maio para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, que poderão distribuir como melhor entenderem. As necessidades são sempre muitas e para os mais idosos a conta da farmácia é mais uma dificuldade a juntar a tantas outras. Que esta pequena migalha, dada com muito carinho, possa ajudar um nosso irmão mais carenciado. Peço uma oração por alma de meu marido».

Setenta e cinco euros, do assinante 1517, de Vila Nova de Famalicão, «partilha muito reduzida em relação ao habitual. Por isso decidi enviar esse cheque».

Uma leitora de Lisboa, enviou 200 euros «com muito amor em acção de graças, para ajuda de remédios e para ajuda de arranjo de uma casa degradada. Agradeço o anonimato» — que cumprimos.

Lourdes, de Cacém, presente com «mais uma migalhinha do costume. Deus vos dê muita saúde e a nós todos; nos ajude a tentar compreendemo-nos uns aos outros e ter muita fé».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

FUTEBOL — Os Iniciados deslocaram-se a Alvalade para defrontarem a equipa local. Foram bem recebidos. Visitaram a sala de troféus do Sporting, o estádio e os ginásios.

Almoçaram na Casa do Gaiato do Tojal.

Depois, deslocaram-se ao novo centro de estágio, em Alcochete, onde realizaram o jogo que o Sporting venceu por 5-2.

Seguiram para Setúbal onde pernottaram na nossa Casa do Gaiato; e regressaram, a Paço de Sousa, no dia seguinte, contentes.

ESCOLA — Está a correr bem. Esperamos que os rapazes continuem a estudar para passarem de ano e, para mais tarde, serem alguém na vida.

PROVAS DE AFERIÇÃO

Os estudantes do sexto ano realizaram provas de aferição a Português e Matemática. Esperamos que os resultados sejam bons.

VACARIA

As nossas vacas dão cada vez mais leite. Um dos bois foi abatido para a nossa alimentação.

MÊS DE MAIO

É o mês de Maria. Voltámos a rezar os cinco Mistérios do Terço e cantamos a nossa Senhora.

OBRAS

Fizemos algumas obras em casas. Agora, estamos a calçar o chão em nossas ruas para que fiquem mais bonitas.

MÚSICA

As aulas estão cada vez melhores. Veio cá um grupo de Aveiro, que almoçou connosco. Ofereceram-lhes umas melodias de que gostaram. Nós também gostámos de os ter recebido.

Hugo Santos

DESPORTO EM DIA DE FESTA — Foi bonito, incentivador de como tudo decorreu no reencontro de uma geração de antigos gaiatos no passado dia 25 de Abril na nossa Aldeia.

Começaram a chegar a contágotas por volta das nove da manhã. Antigos rapazes da rua, alguns sem eira nem beira, deixaram momentaneamente a sua casa, no seu automóvel, alguns, acompanhados de mulher e filhos, para virem à Casa onde foram criados, conviver com todos aqueles que ainda fazem o dia-a-dia sob o telhado da Casa do Pai.

O desafio de futebol teve início às 10h, entre os antigos gaiatos e a actual equipa Sênior. Foi uma primeira parte bem disputada. Aos mais novos (os nossos mais velhos) foi-lhes favorável o resultado final, mas foi uma alegria para os antigos quando conseguiram marcar o seu único gol. Fiquei radiante quando os vi ir em direcção à «claque» (que era de todos) festejar e oferecer o gol que o «Faneca» tinha marcado. Não estava em causa o resultado. Uns ganharam em golos e os dois empataram em excelente comportamento. Muito embora o «Tirololóló» tivesse reclamado uma grande penalidade, que não existiu, nunca se lembrou de dizer que algumas vezes estiveram a jogar com

treze!..., mas tudo com humor. Qualquer um deles esteve sempre com o sentido de confraternizar e nunca com a ideia fixa de que só a vitória interessava.

Eu não conhecia uma grande parte deles. São de uma geração, posterior à minha. Estes encontros são sempre saudáveis e obrigam-nos a recuar no tempo. Alguns, fizeram questão de cumprimentar a D. Esmeralda. Também ela ficou satisfeita e tudo facilitou para que este encontro se realizasse, sem que nada faltasse. A Preciosa, é outra senhora que colaborou na feitura deste encontro. Sempre pronta para tudo que fosse preciso. Ela toma conta dos «Bata-tinhas».

Depois do jogo e antes da refeição houve reunião geral na capela com o Padre Acílio.

Chegada que foi a hora do almoço, o chefe mandou entrar para o refeitório. Todos juntos recordámos velhos tempos. Foi aquela algazarra de alegria e boa disposição. Esteve presente o Quim «Carpinteiro» e o Júlio «Tira-Olhos». O «Eusébio» também marcou presença com as suas filhas que, em determinada altura, saíram da mesa e juntamente com o filho do «Campeão» começaram a levantar a loiça das mesas para ser servida a sobremesa. Depois de tudo satisfeito, o Rogério, um rapaz de 15 anos, naquele dia chefe da comunidade, depois de agradecermos ao Senhor a refeição, deu ordens para saírem do refeitório. Tudo se dirigiu para o bar, onde se tomou café e se continuou a conviver durante a tarde.

Havia muita loiça para arrumar... O Lupicínio, o Humberto e o Ricardo sem que ninguém desse por isso, foram tratar dela e colocar tudo no seu devido lugar, dando assim descanso aos faxinas habituais. Que bonito! Que sentido de entreajuda entre membros de uma família tão numerosa como a nossa, onde em dia de euforia, ninguém empurrou para os mais novos as tarefas daquele dia.

Alberto («Resende»)

MIRANDA DO CORVO

HORTA — Está cada vez mais bonita. As favas, o feijão e a cebola começam a brotar da terra.

Esperamos que corra tudo bem, pois são coisas essenciais para a nossa alimentação, contando também com as couves.

AULAS — Estão quase a terminar. Os alunos do Secundário terão que se aplicar ainda mais, pois no fim do ano lectivo têm de fazer provas globais e exames. Boa sorte a todos os estudantes!

CRISMA — Em 19 de Maio o Marco Paulo e o António Ricardo reconfirmaram a sua fé em Jesus. Receberam o Crisma.

A cerimónia teve lugar na Sé Nova, em Coimbra, e foi presidida pelo nosso Bispo D. Albino. Foi bonita e terminou com um jantar, preparado por algumas senhoras, mulheres de antigos gaiatos.

Parabéns para os dois crismados, e obrigado às senhoras pela ajuda que nos deram.

BAPTISMO — Em 26 de Maio alguns rapazes receberam o Baptismo e entraram na grande Família de Deus.

Os rapazes foram preparados pelas suas catequistas e também pelo Padre Francisco, que nunca se cansa de estar ao pé de nós.

Com todos estes preparativos, estão contentes por fazerem parte da Família de Deus. Foi uma bonita festa.

DESPORTO — Depois do jogo de 6 de Abril, em que vencemos por expressivos 8-2, continuámos a nossa preparação para enfrentar as equipas que nos queiram defrontar. Estamos a treinar, já, para os dois próximos desafios em que nos deslocaremos à Lousada e à nossa Casa do Gaiato do Tojal. Esperamos um bom resultado e uma belíssima festa desportiva.

João «Pequeno»

TOJAL

HORTA — O pessoal continua a apanhar a fava, a parte melhor é quando chega à mesa!

Os diospiros, as macieiras, as ameixoeiras e as laranjeiras estão carregadas de flor que garantem novos e promissores frutos. Beneficiarão as nossas refeições.

GADO — Uma das vacas pariu mais um vitelo que se juntou à manada.

Também temos aproveitado o leite para o pequeno-almoço e merenda.

JARDINS — Estão a ficar belos. Nós gostamos muito deles porque nos trazem alegria. Embora as flores não transmitam palavras ao homem, anunciam, no seu silêncio, um sentimento bastante profundo com a sua beleza.

MÚSICA — Tem-se vindo a desenvolver não muito rapidamente, mas dentro da normalidade, pois todos os dias descobrem-se uma nota e essa preenche o vazio que muitos carregam através do seu passado. Ao preencher um décimo em cada solfejo, a alegria aumenta, cada vez mais. Agradecemos a todos os Amigos que nos têm oferecido instrumentos musicais.

Abílio Pequeno

ASSOCIAÇÃO DE ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO CENTRO

ENCONTRO ANUAL — A exemplo de anos anteriores, estamos mais uma vez a comunicar o nosso Convívio Anual, em Miranda do Corvo, marcado para 30 de Junho. O programa respectivo chegará pelo correio a casa de cada um, desde que inscrito na nossa Associação, embora possam aparecer todos os que tiverem conhecimento e queiram.

TRIBUNA DE COIMBRA

Deus não se esquece de nós

A PESAR das dificuldades económicas que se anunciam ou que já se sentem mesmo — afectando as famílias de fracos recursos — nós não nos podemos queixar, embora sintamos uma certa quebra nas receitas mensais. Deus não se esquece de nós — pois quem é que põe esta mesa e a provê do necessário? É Ele e só Ele! Quando menos contamos, Ele aí está à nossa porta disfarçado de quantos modos e feitios a pôr e a repor o que acha necessário. Parece que sempre assim foi, segundo o testemunho de Pai Américo e dos mais antigos, e assim deve ir até ao fim. Isso corresponde ao ritmo requerido pelas Obras que a Deus pertencem. Não andam ao ritmo do orçamento nem dos cálculos humanos. Seguem outros caminhos que só pela fé em Deus se atingem.

Atentos neste princípio basilar, não podemos deixar de saborear e atestar a presença amorosa de Deus nas partilhas mensais de A. Santos Minga, de Maria Alice, de Graziela, de Maria Adelaide e Maria Duarte. As pontuais da Cerâmica Rodeio; de Álvaro, de Vila Pereira; do casal Carmona, dos Cebolais; e de muitos outros que não querem nenhuma referência ao assunto. Deixaram de aparecer algumas porque estava na hora de ouvir o «vinde benditos de meu Pai...» Assim foi com o velho amigo ourives, de Coimbra; o mesmo com a Luísa Madureira, de Tomar, grande mordoma das nossas Festas. Que acolhimento tinham os gaiatos naquela casa!... Desaparecida também, no Fundão, outra grande amiga da família Cerdeira. Damos também destaque ao cheque de Fernanda, de Castelo Branco. São principalmente assinaturas. Ela é uma recolectora d'O GAIATO. Vai de porta em porta. O mesmo faz Isabel Iria, em Coimbra. Sabe bem ver este entusiasmo pel'O GAIATO. De vez enquanto passamos pela Casa do Castelo: encontramos, lá, sempre alguns envelopes. No quiosque do Fernandito deixaram de entregar. Riferio isso com alguma tristeza... O Padre João, de S. José, tem sempre alguma coisa no cofre!... Depois, os meninos e as meninas das Escolas do Ensino

Básico e Secundário que nos visitam, nunca vêm de mãos abanar: com 50, 100, 150 e mais euros, fruto de uma renúncia e partilha louváveis com os meninos «do Gaiato». Vêm de Penela, Tomar, Albergaria, Ovar, Souzela, Sever do Vouga, Cantanhede, Figueira da Foz, Castro d'Aire, Seia e Viseu. Fazem também campanha de assinaturas, junto dos pais e professores nas suas terras. Boa iniciativa! Outros grupos paroquiais: de Figueiró dos Vinhos e muitos e variados de Soure e arredores. Outras iniciativas interessantes são de realçar como a dos Rotários de Coimbra que decidiram oferecer uma máquina de picar carne que tem dado muito jeito ao cozinheiro... As campanhas de meias e roupa interior, toalhas de mesa e rosto, lençóis e cobertores são bem acolhidas! Do *Continente* de Coimbra continuam a vir bens alimentares preciosos — perdemos as quebras do leite... foi pena que o temos que comprar... Muito útil a ajuda do Banco Alimentar. São muitos os nossos Amigos que recomendam os seus mortos. Todos os dias há uma prece especial em nossa Casa por eles. O mesmo se diga aos doentes.

Partilha de «coisas», partilha da vida. De ambas precisamos. Gratos à D. Lurdes que sempre que pode acompanha os meninos ao dentista. A D. Amélia que vem há tantos anos ao Lar ajudar na roupa. A nossa Isabelinha que tanto nos facilita a nossa ida ao hospital. As senhoras professoras-explicadoras que acompanham o estudo dos rapazes no Lar gratuitamente, às catequistas que para além da fé completam no coração dos rapazes outras lacunas. Aos que se dispuseram a ser padrinhos e madrinhas de Crisma e Baptismo dos rapazes. Ao Padre Francisco que, apesar dos 82 anos, continua a prestar um grande serviço aos rapazes.

Quantas vezes nos sentimos pequeninos e indignos de tanta bondade que espelha o amor do nosso Deus a arder em tantos corações.

Praticando o Bem

Continuação da página 1

que habitou na pessoa de Jesus Cristo e fez d'Ele o modelo perfeito e inatingível de cada homem.

A pobreza, a humildade, o trabalho, o escondimento, a comunhão na vida de Deus pela actividade e pela oração, a procura da ovelha perdida, nos mais desprezados, a vida sacrificada e austera, são marcas evidentes do Espírito Santo na acção de Jesus.

As autoestradas da santidade e da perfeição, hoje apregoadas em tantos púlpitos, nunca existiram na vida histórica do Senhor.

Sempre carreirinhos ocultos, discretos e tortuosos

exigindo total abnegação, completa confiança e esperança segura dos «cem por um e a vida eterna!»

Veredas antigas e sempre novas, descobertas somente por aqueles que as trilham, consideradas miragem ultrapassada, por vezes ridícula, para todos os que os olham fugindo àquela experiência.

O Padre Américo não quis outro caminho, para satisfazer a sua paixão de amar a Deus e não nos deixou outra escola.

As vocações para a Obra da Rua, ou partem desta base ou vêm enganadas!

Se escolhemos o mais difícil dos métodos para educar pessoas — rapazes e

doentes — não o fazemos por utopia nem desconhecimento das dificuldades, mas sabendo que é a melhor de todas as regras, a mais adaptada à gente da rua e a mais conforme com o espírito de Jesus.

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes, tão custosa de pôr de pé que ninguém a ousa, e, impossível para os que nos atacam.

Com a liberdade e a responsabilidade em jogo permanente, a nossa preferência dirige-se aos mais abandonados, mais difíceis e mais repelentes; lá onde se encontram as ruínas da cidade.

A Fraternidade, a Família são o fundamento da uni-

dade para a reconstrução da cidade nova!...

A experiência do mundo tão desastrosa torna mais evidente a Luz do Espírito.

Padre Acílio

Padre João

DOCTRINA

Estrada de Jericó... e falas bonitas.



OS ladrões têm espoliado as Casas do Gaiato como fizeram outrora os da estrada de Jericó ao honesto feirante que seguia seu caminho. Assim é que os de Miranda do Corvo assaltaram, no próprio batatal, as nossas batatas. Os de Paço de Sousa roubaram de uma vez todas as nossas galinhas e já vieram por mais, mas foram notados e repelidos. Outros fizeram mais e melhor: desenterraram o tubo que alimenta a nossa Aldeia, furaram-no e derivaram a água para campos que eles cultivam! Estes actos, maus em si e maus para os ladrões, têm redundado num grande bem para nós e para o mundo: levantam a compaixão dos misericordiosos. Não falta quem pretenda curar as feridas que os ladrões nos fazem. Há quem deseje chorar as nossas dores, quem procure reparar os nossos males, quem reponha as coisas roubadas. As nossas despesas estão cheias de batatas; as capoeiras providas de galinhas; os nossos campos a espelhar de verdura; as ofertas são torrentes do Nilo. Mal vai aos ladrões de Miranda do Corvo e os ditos de Paço de Sousa se eles não fogem envergonhados e arrependidos do mal que nos querem fazer.

MAIS um *raid* a Vidago, duas falas bonitas em todos os hotéis e com elas, dois contos e quê no Golf, cinco contos e quê no Palace, um conto e quê no Avenida e outro tanto no Grande. Mais, nos mesmos hotéis, um cartão a dizer que eu vá buscar uma peça de flanela à rua de tal e uma de riscado à rua de qual. Sim, meus senhores. Se eu não for, mando. Com o cartãozinho fico mais garantido. Mais vale um pássaro na mão...

MAIS um saltinho ao Hotel da Torre (Entre-os-Rios), que fica a meia hora da nossa Aldeia. Enquanto deslizava por entre os choupos do arvoredor, o carro que me levou, ia um bocadinho indeciso acerca do êxito — santos da porta...!

UMA vez na sala das conferências, cresce o receio: quase ninguém! Peço a palavra. Relato o caso do Manuel Durães, o simpático garoto que se recusava a despedir o caminhante da sua laia que nos veio bater à porta, como se lê em «Notícias Diversas». Falo da greve do Bem; dos grevistas do Amor. Levanto a exuberância espiritual destes *estrangeiros*. As lágrimas assomam. O monte de notas aumenta. Um senhor vai contar: quatro contos menos quê.

— Tome lá isto e faça a conta certa!
— Tome lá isto e faça cinco contos!
— Olhe o resto, que é tudo quanto tenho!

MAIS do Instituto do Peixe uma caixa de conservas do dito. Senhores Conserveiros da praça, a quem já se mandou recado — se ele é verdade que o mar nos dá tanta riqueza, de onde vem a demora em atender e repartir?

MAIS esta carta: «Tinha junto algum dinheiro para ir passar uns dias a uma praia com a minha noiva; nunca tive tanto dinheiro nas mãos e tanto era demais. São três dias que passo a menos junto da minha noiva, mas é que ponho a render esse tempo assim sacrificado a um juro muito alto. É que ainda me lembro do et centum pro un accipietis. Se o latim me saiu errado, o sr. Padre Américo me perdoe. Só tenho pena de não poder dar mais! Um soldado.»

Sim senhor; um soldado da ala dos namorados. Feliz noiva!

D. Américo

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)

Como vem sendo hábito, pedimos a máxima colaboração de todos (e todas) para o dia indicado, porquanto o trabalho tem de ser feito por todos nós, em especial os preparativos para o almoço de todos, em geral, excepto de quem o queira levar, mais a merenda e, para esta, pedimos os tais ingredientes do costume: bolos e acessórios, mais a tal garrafinha para empurrar, branco ou tinto.

Para os divertimentos e passatempo não te esqueças do equipamento desportivo e de banho, pois o campo de futebol e a piscina devem estar disponíveis para servirem os fins em vista.

Também aproveitamos para lembrar que este Encontro vai englobar as eleições para a nova direcção, esperando que apareçam Listas interessadas na condução da Associação, já que há necessidade premente de renovação, pois até aqui têm sido sempre os mesmos, embora, por vezes, em cargos diferentes. Uma vez por outra surgem críticas nada favoráveis, mas «esses» não se candidatam e muitas vezes nem se juntam aos que tentam fazer alguma coisa. Esperamos, e estamos mesmo esperançados, que desta vez as coisas vão levar uma volta para bem de todos.

Ficamos, portanto, a preparar tudo até ao dia indicado, certos de que no final do dia todos se retirem satisfeitos, como tem acontecido em anos transactos. Aproveitamos para enviar o nosso abraço aos que virão e aos que, por razões sempre

aceitáveis, não poderão estar presentes.

Manuel dos Santos Machado

SETÚBAL

VINHA — Está muito bonita. A malta esteve a limpá-la, a arrancar ervas ao pé das videiras. A vinha dá muito trabalho porque temos de tratar dela e também porque temos de dar química para matar os bichos das videiras. Depois, quando as uvas estão maduras, são apanhadas para fazer vinho. Para isso, as uvas são levadas para a adega onde se faz o vinho que é engarrafado e guardado em armazém para vender.

CARRINHA NOVA — Uma família Amiga da Casa ofereceu uma carrinha nova. É uma *Ford Transit*, toda branquinha. O nosso Padre Júlio estava com uma cara sorridente porque estava à espera de uma oferta destas! A malta ficou contente com a nova carrinha porque a *Mitsubishi* já estava cansada por ter trabalhado muito. Além disso é mais uma carrinha, boa, para a malta poder passear. A família que nos ofereceu esta carrinha, estamos muito agradecidos.

Nuno Lagarto

RAPAZ NOVO — Quando um grupo de rapazes de Paço de

Sousa veio cá, depois de terem estado no estádio do Sporting onde visitaram as instalações e realizaram um jogo de futebol, trouxeram consigo o Daniel. Ele veio para ficar connosco porque andava sempre a fugir da Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Frequenta o 3.º ano de escolaridade e gosta de estar na cozinha. Ele já diz que gosta de estar cá.

Carlos Alberto Silva

ASSOCIAÇÃO DA COMUNIDADE «O GAIATO» DE SETÚBAL

ENCONTRO — No dia 9 de Junho temos a Assembleia Geral na nossa sede, perto do Bonfim, na Av. da Independência das Colónias, n.º 8 A, em Setúbal. A hora do seu começo está prevista para as dez da manhã. Depois temos o tradicional almoço na sede. Só é necessária a tua presença.

Também quero lembrar que no dia 7 de Julho é o nosso Encontro, na Casa do Gaiato. Traz a família e a alegria, pois temos que ser um exemplo vivo daquilo..., ou do bichinho que nos morde.

César Amante



«Dê-se ao rapaz o sabor de comer o pão em nossas Casas do Gaiato com o suor do seu rosto» — Pai Américo.

Visitas Escolares

SÃO uma presença estimada desde sempre.

Ainda há momentos, um senhor de S. Martinho do Campo, Negrelos, que veio aí com outro trazer uma preciosa carrada de sandes e bifanas, tão cheias de sabor quanto de delicadeza, recordava a sua pri-

meira vinda, há trinta anos (era garoto!) e afectuosamente nos prometeu voltar em breve para um encontro mais demorado que hoje não lhes era possível. Um conhecimento de infância que sempre deixa marcas, mesmo quando longos intervalos espaçaram as

suas visitas, sem, contudo, apagarem essas marcas de simpatia e interesse que o tempo amadureceu e transformou em frutos de apreço e de partilha.

São uma tradição estas visitas de gente nova, de Escolas, de Catequeses, de Escuteiros, de Grupos paro-

SETÚBAL

O GAIATO faz feridas de amor

NÃO é raro ouvir os rapazes referirem-se a esta Casa como «a nossa Casa». É sempre um consolo muito íntimo ouvir-lhes esta expressão que reflecte um sentimento de estabilidade de quem a profere.

Eles são muito sensíveis a tudo o que se vai fazendo e apreciam sobremaneira aquilo que é novidade.

Chegou-nos agora uma carrinha nova. Outra que tínhamos já estava velha e não justificava reparações necessárias. O mês de Maio era o tempo da decisão sobre o assunto.

O telefone tocou e uma voz feminina veio saber das nossas necessidades. Saltou logo à mente a carrinha velha, amarela, e a escola e as oficinas à espera do transporte para lhes levar os rapazes.

Quem dá do que é seu, quer ver o futuro da sua oblação. Muito ou pouco, não importa, interessa que o sacrifício de dar produza vida em quem recebe a partilha.

Somos assim desde o nascimento. Fomos criados e regenerados gratuitamente, no sacrifício, mas com a obrigação de não atirar as nossas pérolas aos porcos.

A nossa vida não se gera com subsídios; alimenta-se de sacrifícios.

O «Santiago» e os dois Danilo que temos cá em Casa, foram quem estreou a

carrinha nova. Quando a fui levantar do stand, eles vinham da distribuição d'O GAIATO, acção nossa que é um sinal de contradição na actual sociedade. Embora os meios de comunicação social mostrem «tudo», fica a sensação de que o resultado é as pessoas ficarem menos sensíveis ao desarranjo social. Sabemos dos mendigos, mas na rua desviamos-nos deles; sabemos da pobreza, mas atiramos as responsabilidades para o Estado; sabemos da delinquência juvenil, mas não nos interessamos pelos meios que a podem evitar. Em tudo, tendemos a sacudir a água do capote. A não ser que esteja em causa o nosso interesse imediato...

Estamos assim — instalados e adormecidos.

O gaiato com O GAIATO nas mãos não afasta, mas faz feridas de amor.

Ao chegar a Casa, rodeou-nos um grupo de rapa-

zes que ali se encontrava. Ficaram as portas da carrinha destrancadas para que as pudessem abrir e ver tudo. Os comentários não se fizeram esperar; nada como a cor branca, convergência de todas as cores...

A primeira viagem mais longa da carrinha nova há-de ser para visitar as Casas do Gaiato do Centro e Norte, onde nasceu a «nação». Os distribuidores d'O GAIATO serão os passageiros escolhidos pois são eles os da linha da frente nesta batalha amorosa!

Queremos que esta dádiva renda cem por um. Não faz sentido usar os bens sem os pôr a render a este juro. Não há-de ficar escondido este talento debaixo da terra — que os estudantes estudem e os trabalhadores trabalhem; e nós soframos as amarguras no crescimento dos rapazes e da desorientação do nosso sistema escolar.

Padre Júlio

PENSAMENTO

Deus do Céu e meu Senhor, que O GAIATO seja sempre palavra nova que apaixone as almas e lhes dê saudades das coisas divinas!

PAI AMÉRICO

Moçambique

Continuação da página 1

Pedimos à Direcção Provincial de Saúde autorização para, até onde vai a nossa esfera de acção, fazer testes a todos que pareçam suspeitos, a fim de aconselhar e sustentar o mais possível o alastramento. Estamos muito apreensivos quanto ao que os testes vão revelar, mas mais ainda quanto às crianças que vão sobrar para nós, como diria um brasileiro. Que Deus na Sua infinita Providência nos acuda.

Padre José Maria

quais de jovens..., que, entretanto, se intensificaram e nos últimos anos se têm multiplicado, a princípio no terceiro período lectivo, depois já no segundo, e agora começam no primeiro período.

São um valor, para nós e para eles; e justamente porque o são, estas linhas têm o propósito de reflectir sobre o modo de tirar de tais visitas o melhor proveito.

A frequência delas (no terceiro período podemos dizer diária com raras excepções durante os cinco dias úteis da semana); o facto da ocorrência de mais do que uma ao mesmo tempo com a confusão que se imagina — impôs-nos a marcação: uma de cada vez. Mas não basta.

Para que a visita seja autenticamente (e honestamente!) uma visita de estudo e não apenas um passeio, é necessário que ela seja preparada e o promotor se informe e dê informação aos seus formandos, que os habilite a ver mais do que uma simples paisagem agradável e os ajude a compreender a paisagem humana, específica, que é uma Casa do Gaiato. De vez em quando surge um grupo assim mentalizado e é um regalo para nós, quando podemos estar com

ele (quem dera pudessemos sempre!) experimentar a alegria de moços e moças ao descobrirem a riqueza do pensamento de Pai Américo no esforço laborioso e nunca a 100% de o pormos em prática. Não vêm propriamente ao encontro do desconhecido e trazem já interrogações que proporcionam um diálogo agradável e fecundo.

Nesta impreparação também nós temos culpa. Para o próximo ano lectivo, assim Deus nos ajude, havemos de responder a cada proponente de uma visita destas com um pequenino guião que o ajude a comunicar aos seus jovens algo de essencial do que vêm ver para conhecer melhor: Uma notazinha sobre o Fundador, naturalmente menos conhecido, ou quase só pelo nome, por quem nasceu dezenas de anos depois da sua partida de entre nós; e alguns dados sobre a Obra que fundou, deixando, talvez, para o diálogo aqui, os fundamentos sobre que ele ergueu a sua doutrina e a realização dela.

Outro ponto importante para um frutuoso resultado da visita é a dimensão do grupo. Óptimo seria uma turma, o máximo duas (já que um autocarro comporta cinquenta pessoas); e o grupo o mais homogéneo

possível, para que a comunicação possa proporcionar-se ao nível da compreensão e dos interesses sociais dos que o compõem.

Ainda um terceiro ponto: Virem ver-nos tal como somos, com a preocupação de não perturbar a vida da Casa. É que somos uma Comunidade trabalhadora. A Obra é de Rapazes, para os Rapazes, pelos Rapazes. Para além da Escola, cada um tem um papel activo para que a vida da Comunidade circule sem embolia. A constância das visitas não permite, normalmente, encontros desportivos ou outras formas de convivência, aliás a vida pararia. E, naturalmente, os grupos muito numerosos trazem-nos uma atmosfera de agitação de que os nossos rapazes não conseguem libertar-se. E vêm as queixas dos nossos Professores de que fulano e cicrano não apareceram à Escola depois do intervalo, porque não ouviram a sineta ou se esqueceram dela no bulício dos visitantes.

Vamos, pois, todos nós, alinhar e dar as mãos num esforço de acerto, a fim de que, para uns e para outros, estas visitas sejam um factor de enriquecimento humano e de saudável regozijo.

Padre Carlos

Benguela

Continuação da página 1

criança é a família natural unida, bem o sabemos. Quando esta faltar, dê-se-lhe outra, o mais próxima possível da família natural, onde a criança encontre o calor humano a que tem direito para o seu desenvolvimento equilibrado. Em Angola, na família alargada estava a resposta mais natural e coerente para a criança que perde seus pais. Este valor humano riquíssimo, duramente castigado pela guerra e suas consequências, cumpre sua função, na hora presente, onde se mantém.

Há dias, fui procurado para receber duas crianças, cujos pais morreram. Sentámo-nos para conversar sobre assunto tão importante para a nossa vida e para a vida das crianças em questão. Eram, na verdade, órfãos de pai e de mãe, mas tinham o acolhimento e o afecto dos tios que, por dificuldades de ordem económica, queriam interná-las na Casa do Gaiato. Expliquei que o bem daqueles filhos estava na família que os acolheu, que a Casa do Gaiato os ajudaria em tudo o que pudesse para que as crianças não perdessem a riqueza da família que tinham. Pusemo-nos de acordo. O melhor bem das crianças foi salvo, assim penso. À luz do

valor humano da família alargada, as crianças abandonadas seriam em número muito menor. Este valor faz parte da estrutura da família. E que é uma verdadeira riqueza.

A guerra desferiu um golpe muito duro na família em geral e nos valores que a compõem. É com muito interesse que vou acompanhando os debates que o Ministério da Família e Promoção da Mulher está a promover, na hora em que a reconstrução de Angola entrou em nova fase. Antes de mais, há um esforço geral para o reencontro das famílias dispersas por causa da guerra. À medida em que este processo vai tendo êxito, os filhos perdidos e em risco de se marginalizarem poderão encontrar suas famílias também. É uma hora para ser vivida com grande responsabilidade por todas as forças vivas da Nação. A Igreja, Mãe e Mestra, está atenta. O futuro de Angola está a ser construído. É uma hora grande. Os campos de aquartelamento dos militares da UNITA e os acampamentos dos seus familiares fazem-nos lembrar as searas à espera dos trabalhadores que, de alma e coração, vão dar suas vidas, sem nada mais esperar que o fruto da colheita. É hora de grande responsabilidade!

Padre Manuel António